

# **papéis**

---

jornada de estudos

---

---

---

---

---

---

---

## **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES CÊNICAS - UFOP**

### COORDENAÇÃO

Prof. Dr. Ernesto Gomes Valença

### VICE-COORDENAÇÃO

Prof. Dr. Paulo Marcos Cardoso Maciel

## **PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES - UFMG**

### COORDENADOR

Prof.ª Dr.ª Mônica Medeiros Ribeiro

### VICE-COORDENADOR

Prof. Dr. Maurício Gino

## **PAPEIS: JORNADA DE ESTUDOS**

### CORPO EDITORIAL

Prof. Dr. Éden Peretta (UFOP)

Prof. Dr. Paulo Marcos Cardoso Maciel (UFOP)

Prof. Dr. Roberto Bethônico (UFMG)

Prof. Dr. Rodrigo Freitas Rodrigues (UFU)

### ORGANIZAÇÃO

Prof.ª Dr.ª Daisy Leite Turrer (UFMG)

Prof.ª Dr.ª Neide das Graças de Souza Bortolini (UFOP)

Prof. Dr. Paulo Marcos Cardoso Maciel (UFOP)

### REVISÃO

Ciro Mendes

### CAPA E PROJETO GRÁFICO

Rubens Rangel Silva

### DIAGRAMAÇÃO

Gabriela Sá

## **UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO**

R. Diogo de Vasconcelos, 122

Pilar - Ouro Preto

Minas Gerais

CEP 35400-000

Fone: +55 (31) 3559-1189

## **UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS**

Av. Antônio Carlos, 6627

Pampulha - Belo Horizonte

Minas Gerais

CEP 31270-901

Fone: +55 (31) 3409 5000



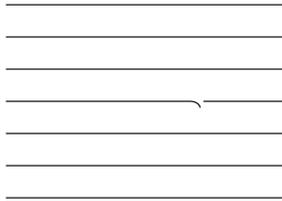
Universidade Federal  
de Ouro Preto



# **papéis**

---

jornada de estudos



*organizadores*

Daisy Turrer (UFMG)  
Neide Bortolini (UFOP)  
Paulo Maciel (UFOP)

**OURO PRETO**  
2018

#### DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO

---

Papéis: jornada de estudos / Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas - UFOP e Programa de Pós-Graduação em Artes - UFMG. v. 2 (2018). - Ouro Preto: PPGAC-UFOP; PPG/Artes- UFMG, 2018.  
v2. : il. color. : 14,8 x 21,0 cm

Em 2018 esta publicação consta de duas partes: a e b.  
Anual: v.1 (2017); v.2, pt.a (2018); v.2, pt.b (2018)  
ISSN: 2527-0036 (v.2a, v.2b)

1. Artes cênicas - Periódicos. I. Programa de Pós- Graduação em Artes Cênicas – UFOP. II. Programa de Pós-Graduação em Artes – UFMG. III. Universidade Federal de Ouro Preto. IV. Universidade Federal de Minas Gerais.

---

CDU: 792(05)

Catálogo: [www.sisbin.ufop.br](http://www.sisbin.ufop.br)

## SUMÁRIO

07 — Apresentação

09 — Calendários: ou como ler a passagem do tempo

*Adriana Penido* | UFMG

15 — Nesta casa nunca se jogam flores fora

*Bárbara Mól* | UFMG

21 — Pedras-palavras: formas de voltar para casa

*Gabriela Sá e Ícaro Moreno Ramos* | UFMG

29 — A curva do vento

*Igor Antoine* | UFMG

39 — Pensamento-rascunho

*Mara Rodrigues-Tavares Lavareda* | UFMG

45 — No céu do pensamento

*Natália Rezende Oliveira* | UFMG

53 — A noite do circo da estação

*Priscila Heeren* | UFMG

63 — Da incompletude e dos momentos oportunos: um vagueio pelos domínios de Woolf, Calvino, García Márquez e Deleuze

*Rachel Falcão* | UFMG



## APRESENTAÇÃO

*P*apéis é uma publicação de cadernos de estudos oriundos dos grupos de pesquisa *Imagens no Vazio: escrita e teatralidades e Imagem. Escrita. Livro*. Os textos apresentados no volume 2 – composto de dois números – contemplam resultados das pesquisas de mestrado e doutorado no Programa de Pós-Graduação em Artes da UFMG e no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas da UFOP. Estes volumes reúnem os trabalhos apresentados na II Jornada de Estudos, em Ouro Preto, intitulada “Estação: notas em instância”, que aconteceu em junho e novembro de 2017. Ao reunir estes textos procuramos preservar seu caráter de estudos voltados à divulgação da produção artística e intelectual docente e discente dos grupos de pesquisas vinculados aos dois programas. O primeiro número do volume 2 privilegiou as poéticas visuais e o segundo número às teatralidades, relacionadas com a transitoriedade do tempo e a impermanência do espaço.

Agradecemos a todos que participaram desta jornada conosco e colaboraram nesta edição.

Daisy Turrer  
Neide Bortoloni  
Paulo Maciel



## CALENDÁRIOS: OU COMO LER A PASSAGEM DO TEMPO

*Adriana Penido* | UFMG

---

Artista, doutoranda em Artes Visuais pela EBA-UFMG desde 2016 e bolsista CAPES-PROEX. Mestre em Artes Visuais pela EBA-UFMG (2014). Pós-graduada em Arte e Contemporaneidade pela Escola Guignard-UEMG (2012). Atualmente dedica-se à produção e pesquisa de livros de artistas e à biblioteca no campo das artes visuais.

---

**RESUMO:** Nesta breve reflexão, tecemos conjecturas a respeito da passagem do tempo, das tentativas de mensurá-lo e dos múltiplos registros encontrados, uma certa visualidade deixada por sua passagem. Múltiplos calendários, uma outra forma de medir o tempo.

**PALAVRAS-CHAVE:** calendário, tempo, rastros, registros.



Calendário, substantivo masculino. Verbetes cuja origem remete ao latim *calendarium* e que pode ser descrito como um sistema oficial que propõe mensurar o tempo, fracionando-o matematicamente em meses, dias, anos. Baseado em convenções e no conhecimento dos fenômenos astronômicos, intenta proporcionar uma certa materialidade e, porque não, *visualidade* acerca da passagem do tempo. Como um agrimensor, que se dedica ao aferimento de terras, os calendários sugerem uma forma oficial de mensurar o tempo. Justo o tempo, inapreensível, fugidio, movediço. Uma quimera! Suscetível ao engano, quaisquer que sejam as tentativas utilizadas para mensurá-lo, enquadrá-lo e organizá-lo. O tempo não se manifesta segundo a lógica cronológica, tão cara aos materialistas. Manifesta-se, provavelmente, em camadas, extratos de temporalidades distintas. Talvez fosse mais sensato visualizar a sua passagem, compreender seus registros, seus rastros, seu ir e vir em um eterno *ritornelo*<sup>1</sup>.

Tempo também é desvio, miragem, vertigem, instância provisória, um eterno porvir. Inapreensível e imaterial, o rastro e o registro de sua passagem o tornam, em algum momento, visível.

Múltiplas também são as distintas temporalidades que coexistem simultaneamente: o tempo do relógio, dos calendários, das geleiras, o tempo literário, o tempo do leitor, do espectador. É nesse emaranhado e nesse interstício que podemos compreendê-lo em sua *totalidade*.

A contagem do tempo, que sobrepõe a *durée* (duração) à sua uniformidade, não pode contudo evitar que nela persistam a existência de fragmentos desiguais e privilegiados. Legitimar a união de uma qualidade à medição de quantidade, foi obra dos calendários. (BENJAMIN, 1989, p.136).

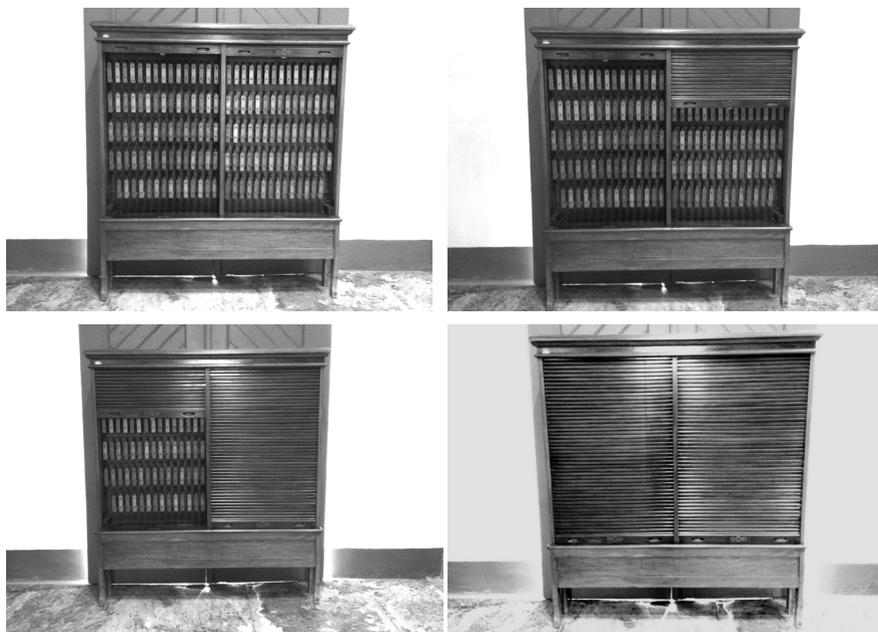
Em Walter Benjamin, a noção de tempo se afasta das noções aristotélica e hegeliana de tempo, que o concebem como uma sucessão infinita de instantes pontuais. A noção de Benjamin aproxima-se muito da noção warburguiana de tempo. Aby Warburg compreende o tempo em *camadas*, como uma sobreposição de múltiplas temporalidades, anacrô-

---

<sup>1</sup>Termo de origem italiana, *ritornello*, proveniente da música, descreve o estribilho ou mesmo a volta de todos os instrumentos da orquestra após um solo instrumental. Ao utilizarmos aqui o termo, descrevemos aquilo que retorna, mas não exatamente ao mesmo ponto, como sugere-nos a imagem de uma espiral.

nico por natureza. E é nesse território múltiplo e movediço que a imagem, para ambos, se inscreve em uma temporalidade complexa, avessa à homogeneidade cronológica, pontuada por aparições, retornos e desaparecimentos. E foi justamente nessa interseção entre um tempo e espaço múltiplos, palimpsesto de memórias, imagens e narrativas, que surgiram as obras produzidas a partir da vivência realizada na *Estação Ferroviária de Ouro Preto* no inverno de 2017.

Como um mosaico de distintas temporalidades ali manifestadas, emergiram memórias de meus antepassados revistas por um olhar *atualizado*, que pode perceber não o tempo linear que tentam registrar os calendários oficiais, mas o tempo subliminar composto por camadas outras de memórias, ruídos, rastros. Denominei *Calendários ou como ler a passagem do tempo* essas séries fotográficas, dentre as quais escolhi uma para apresentar a seguir que registra a sutil passagem do tempo. Um tempo em imagens, sem passado, presente ou futuro. Um contínuo deslizamento, sem origem e sem fim, condizente com a natureza das imagens.



*Adriana Penido, Biblioteca de passagem ou biblioteca em instância (2017)*

Biblioteca de passagem ou biblioteca em instância. Na curva do vento, sem bilhetes e em espera, abre e fecha compondo intervalos. Registra ausência e presença, permite a contagem dos viajantes, trajetórias compartilhadas. Fluxo, trânsito, palavra, tempo, imagem, reflexo, silêncio.

Reflete um tempo que não se submete ao relógio e corre *por fora*, com métodos próprios para registrar sua passagem. Constrói seus próprios calendários: uma janela que abre e fecha, ervas que avançam sobre o telhado, marcas e desgastes impressos nas paredes de um vagão, uma escrita sem fim. Marcas de um tempo insistente que nos atravessa sem ser nunca detido. Tempo imponderável, que nutre, registra, apaga, desaparece.

## REFERÊNCIAS

- AGAMBEM, Giorgio. Tempo e história: crítica do instante e do contínuo. In: *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG/Humanitas, 2012.
- BENJAMIN, Walter. Sobre alguns temas em Baudelaire. In: *Charles Baudelaire, um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989, p.136.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. A sobrevivência dos vagalumes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.



## NESTA CASA NUNCA SE JOGAM FLORES FORA

*Bárbara Mol* | UFMG

---

Artista e pesquisadora. Doutoranda (2016-/Bolsista CAPES - PROEX/2017-) e Mestre (2012-2014/Bolsista CAPES/2014) em Artes pela Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais (EBA-UFMG), graduada pela mesma instituição, com habilitação em Desenho (2006-2010). Pesquisa o trabalho do artista atual (atuante desde os anos 1980) e sua singular pluralidade formal, técnica, conceitual e simbólica, que se relaciona com o aquilo que é mestiço, *geral* e abrangente nas manifestações artísticas, como escolha estética; e ainda o trabalho da pesquisa em arte e sua escrita, em conjunto com a história, a filosofia, a teoria de arte e as práticas teorizadas.

---

**RESUMO:** Este pequeno ensaio é inspirado no texto “Escrever”, de Marguerite Duras. A proposta faz parte de uma Jornada de Estudos e da convivência na Estação Ferroviária de Ouro Preto (MG), em junho 2017, como atividade do grupo de pesquisa “Imagens no Vazio: Escrita e teatralidades”. Este ensaio é uma outra imagem daquela experiência e complementa “palavras marionetes” formando o trabalho intitulado “Nesta casa nunca se jogam flores fora”, que é uma imagem da literatura e da cidade. Estas peças fazem parte da Jornada de estudos *Instâncias*, realizada no Complexo da Estação.

**PALAVRAS-CHAVE:** artes visuais, literatura, instância.



## Instante I.

Para projetar um pensamento e uma imagem foi preciso durante a Jornada encontrar uma outra instância. Uma que fosse própria, e que, ao mesmo tempo, estivesse em afinidade com um ambiente propício à criação.

Dentro da Estação Ferroviária, talvez fosse preciso se inscrever, antes mesmo de qualquer escrita, qualquer imagem. Talvez por isso mesmo fosse preciso dar a ver uma nota.

Por isso, ofereço uma nota daquele tempo justo naquele espaço, em um instante justo, em que as imagens são um hábito, não regra.

## Instante II.

Esta aqui não era uma casa.

Há quartos, sala, jardim, quintal, cozinha e escada. Mas não era.

Aqui não se permanece, aqui dentro ninguém nasce e ninguém morre. Qualquer um pode vir nesta estação. Talvez alguém tome sol neste jardim. Jogue bola no passeio. Tire um cochilo depois do almoço em um desses bancos de madeira.

Suponhamos que caiba à palavra nos fazer mostrar o que ela era.

E, caso fosse escrever, escreveria pequeno para ver de longe, algo trêmulo e frágil.

As palavras estariam de passagem. Quase soltas e, ainda, presas a esta casa onde *nunca se jogam flores fora. É um hábito, não uma regra*<sup>1</sup>.

---

1 DURAS, Marguerite. *Escrever*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1994.



*Bárbara Mol, "Nesta casa nunca se jogam flores fora" (2017)*

*Fotografias de registro de Gabriel Caram.*



*Bárbara Mol, "Nesta casa nunca se jogam flores fora" (2017)  
Fotografias de registro de Gabriel Caram.*



## PEDRAS-PALAVRAS: FORMAS DE VOLTAR PARA CASA

*Gabriela Sá e Ícaro Moreno Ramos* | UFMG

---

Gabriela Sá é artista plástica, graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com formação complementar em Artes Visuais. Tem mestrado em Artes pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Belas Artes da UFMG (PPGArtes-UFMG). Atua como artista-pesquisadora, curadora e produtora de exposições de Arte Contemporânea.

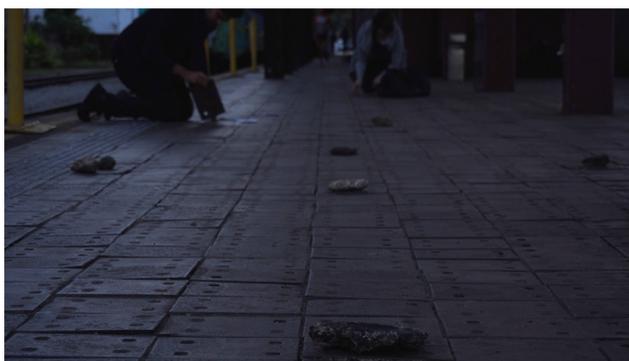
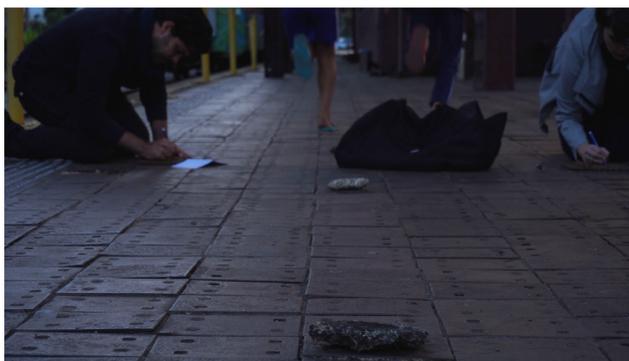
---

Ícaro Moreno Ramos é artista plástico, pesquisador, professor e musicista. Mestrando no Programa de Pós Graduação da Escola de Belas Artes da UFMG (PPGArtes-UFMG), bolsista CAPES-PROEX, tem formação em Comunicação Social e pós-graduação em História da Cultura e da Arte. Já ministrou disciplinas em cursos de Comunicação Social, Fotografia e Design Gráfico das faculdades UNA, UNI-BH e INAP.

---

**RESUMO:** Em uma tarde de sexta-feira, na estação de trem de Ouro Preto(MG), o duo **grão** — formado pelos artistas Gabriela Sá e Ícaro Moreno — realizou uma ação artística com os ladrilhos de ferro da passarela de embarque/desembarque do local. Munidos de pedras, ladrilhos e palavras, os artistas criaram pequenas notas sobre as diversas formas de voltar para casa. Neste pequeno texto, estão algumas inquietações acerca da ação realizada.

**PALAVRAS CHAVE:** escrita, pedra, desconstrução.



*grão, frames do vídeo "pedras-palavras:  
formas de voltar para casa" (2017)*

*Caminhava ensaiando trajetos cada vez mais longos, embora quase sempre respeitasse uma certa geometria de círculos.*

*Alejandro Zambra*

**E** escrever no avesso de um ladrilho solto; revirá-lo; retirar uma pedra da bolsa de viagem; depositar a pedra sobre o ladrilho; deixar uma nota em instância e seguir para o próximo ladrilho. Escrever no avesso de um ladrilho solto; revirá-lo; retirar uma pedra da bolsa de viagem; depositar a pedra sobre o ladrilho; deixar uma nota em instância e seguir para o próximo ladrilho. Repetir a ação até terminarem as palavras e as pedras.

Enquanto escrevemos anotações no verso sujo e terroso dos ladrilhos de ferro que compõem a passarela de embarque da estação em Ouro Preto, o trem apita; os passos apressam; as pernas entram em cena; as vozes aumentam e os olhares curiosos repousam sobre nossas cabeças. Em meio à saída de uma turma de escola que visitava o circo, resistimos e repetimos, ladrilho por ladrilho. Nos perguntamos se, quando acabarmos, alguém vai colher estas pedras no caminho para casa.

Na beira do trilho, no lugar de passagem dos viajantes-visitantes que, na realidade, partem e retornam para o mesmo lugar, compondo um movimento circular entre Ouro Preto e Mariana, as pedras perturbam a paisagem cotidiana da estação. São pedras deslocadas de seu contexto original, da cidade de Pedra Azul, terra natal de um de nós. Elas viajaram bastante para serem depositadas ali, sobre os ladrilhos retangulares da estação mineira. As mesmas pedras que deveriam simbolizar algo de uma rigidez, uma fixação, um peso, são as que se deslocam, são colocadas em movimento. E não só as pequenas rochas pedrazulenses, mas as notas escritas sob os ladrilhos também se deslocam: do papel para o verso do ladrilho; do ladrilho para a terra abaixo. São pedras e notas moventes, feitas para não ficar. Afinal, em um lugar de transição, como seria propriamente o espaço de uma estação, um lugar de espera, de idas e vindas, como poderia qualquer um fazer algo com a intenção de durar?

Não obstante, as pedras podem ser coletadas, realocadas, ou até

mesmo, porventura, chutadas por um transeunte desavisado. Enquanto isso, as notas logo são absorvidas pela umidade do solo abaixo do ladrilho. Mas, não são elas que, juntamente com as pedras, nos levariam para casa? Ou são elas mesmas que, agora apagadas, retornam ao seu lugar de origem ainda que impreciso? Com as notas em instância, as pedras que viajaram de longe para ocupar um outro lugar, uma outra função, tornam-se agora mensageiras: *pedras-palavras*.

Se, por um lado, poderia-se pensar que a ação é fracassada, pois a palavra não fixa, não permanece marcada e legível para aquele que, ao nos ver escrevendo nos ladrilhos, voltaria para o caminho de pedras a fim de ler o que restou; por outro, a questão nunca foi a de uma comunicabilidade da mensagem escrita. Trata-se da ambiguidade mesma: a de se escrever notas sem, necessariamente, saber se elas serão lidas. São pequenas anotações fragmentárias que, sem qualquer pretensão de compor uma leitura atenta, tornam-se palavras fugidias, escritas efêmeras. São palavras leves sob o peso de pedras.

Mas haveria outros lados, certamente. Das pequenas rochas que repousam sobre os retângulos de ferro, dessa relação específica, poderíamos ver surgir o viés de um alhures, o lugar de um desconhecido que “só se descobriria naquilo que o mantém encoberto, ou seja, numa relação em que a ‘presença’ [dele] permanece, não sendo ele jamais revelado, mas apenas ‘indicado’.”<sup>1</sup> O peso da pedra sobre o peso do ferro sobre o chão, como se o pesar, em sua redundância, formasse um extrato de indícios. Afinal, para quê colocar mais peso sobre algo que já pesa? Essa configuração, naquilo que tem de dispensável, nos atenta para a presença de um desconhecido, indica a existência de um *fora*. O peso configura-se, então, como uma pista, um apontamento para o caminho que nos leva — como os trilhos — a um outro lugar.

Território de um *fora* que é um *dentro*. Se as *pedras-palavras*, como as nomeamos, cumprem seu propósito de marcações a partir de um dentro da realidade visível, elas só o fazem a partir da invisibilidade de sua contraparte. É o *fora*, então, que vem perturbar o campo do visível, pois aquelas pedras — que não seguram as palavras, nem asseguram a permanência dessas mensagens subjacentes — passam a formar, com

---

1 BLANCHOT apud TURRER, 2014, p. 78.

seus ladrilhos correspondentes, um complexo *dentro-fora*, ou algo como um *den(fora)tro*<sup>2</sup>.

Mas as notas também desvaneciam/eram absorvidas pelo ladrilho, apesar de todo esforço: era necessário colocar força na ponta da caneta para que ela atravessasse a camada de terra que se situava no verso do ladrilho, era preciso escrever e inscrever, ou seja, materializar o escrito para além da fina camada de tinta que saía da caneta. Era preciso *grafar*, mas também *gravar* no suporte, naquele retângulo ferroso. “Levar de baixo pra cima”, como nos ensina o dicionário a partir da etimologia de *suporte (supporto)*<sup>3</sup>, mas também do modo como Jacques Derrida falou sobre *os debaixo* de toda obra de arte (como o termo derridiano não se limita a uma reflexão sobre o chão ou o pavimento, a felicidade aqui para nós é dupla):

Assim que se fala de debaixo, assim que há visível e invisível, mas também assim que se anuncia essa topografia entre superficial e profundo, alto e baixo, superior e inferior, bem, há hierarquia e, portanto, lei: da promessa, do interdito ou da ameaça, da recompensa ou da sanção. O debaixo, na hierarquia de uma topologia, pode ser o inferior, mas pode também ter o valor superior da fundação ou do fundamento, logo da justificação, como quando se está fundamentado ao fazer, pensar ou dizer alguma coisa<sup>4</sup>.

Em “Arte e Imagem sob os olhares da Desconstrução”, Alice Serra nos conta a história que Derrida retomaria em seus escritos ao versar sobre a *desconstrução*. O evento autobiográfico era o seguinte: o pequeno Derrida passara horas de sua infância mirando um ladrilho que um pedreiro havia colocado invertido em sua casa na Argélia. A figura do ladrilho que perturbava a ordem de repetição da padronagem de revestimento da casa viria a tornar-se cara para Derrida, para quem tal ação viria de encontro ao pensamento desconstrutivo que “não visa puramente a uma inversão, a uma desordem, mas aponta para as fraturas e incongruências já inerentes ao que se apresenta de forma harmônica e solidificada.”<sup>5</sup>

---

2 JESUS, 2017, s/p.

3 HOUAISS, 2009, p. 1973.

4 DERRIDA, 2012, p. 284.

5 SERRA, 2014, p.38.

A ação aqui descrita — e registrada em vídeo<sup>6</sup> — começou, efetivamente, com a observação e o mapeamento de pequenas perturbações na plataforma da estação, à qual estávamos brevemente ocupando durante a jornada de estudos que deu origem a esta publicação. Mapear os ladrilhos soltos já era, por si só, reconhecer a existência de perturbações antes mesmo da ação artística que estávamos propondo. Era como se, ao pisarmos nos pedaços de ferro levemente soltos, fazendo-os estalar sob nossos pés, lembrássemos a todo momento do ladrilho invertido de Derrida. Assim como o autor, acreditamos na potência do gesto desconstrutivo na arte quando esta se propõe a reconfigurar “de outros modos uma dada relação de coisas, retirar objetos e materiais de sua funcionalidade cotidiana, instaurar o imprevisto.”<sup>7</sup>

Pedra-palavra, ladrilho solto, escrita que infiltra a terra, faz-se ilegível, mas impregna o solo de poesia. Reconfigurar o cotidiano de uma estação que, por si só, já está sendo *desconstruída*, por um circo que não vai embora, um vagão que não anda, um trem para lugar nenhum. Quais seriam, portanto, as formas de voltar para casa se partirmos desse lugar em instância?

Escrever no avesso de um ladrilho solto; revirá-lo; retirar uma pedra da bolsa de viagem; depositar a pedra sobre o ladrilho; deixar uma nota em instância e seguir para o próximo ladrilho. Escrever no avesso de um ladrilho solto; revirá-lo; retirar uma pedra da bolsa de viagem; depositar a pedra sobre o ladrilho; deixar uma nota em instância e seguir para o próximo ladrilho. Repetir a ação até terminarem as palavras e as pedras.

## REFERÊNCIAS

- DERRIDA, Jacques. Os debaixo da pintura, da escrita e do desenho: suporte, substância, sujeito, sequaz e suplício. In: DERRIDA, Jacques. Pensar em não ver: escritos sobre as artes do visível (1979-2004). Org.: G. Michaud; J. Masó; J. Bassas. Florianópolis: Editora UFSC, p. 279-295.
- HOUAISS, Antônio e VILLAR, Mauro de Salles. Dicionário Houaiss de língua portuguesa. 1ª edição, Rio de Janeiro: Objetiva, 2009;

---

<sup>6</sup> Disponível em: <<https://vimeo.com/237322190>>. Acesso em 8 de outubro de 2017.

<sup>7</sup> SERRA, 2014, p. 39.

- JESUS, Eduardo de. Den(fora)tro: comunicação oral para o projeto Desem-bola na Ideia. Belo Horizonte, 2017.
- SÁ, Gabriela e RAMOS, Ícaro Moreno. Pedras-palavras: formas de voltar para casa. Disponível em: <<https://vimeo.com/237322190>>. Acesso em 8 de outubro de 2017.
- SERRA, Alice. Arte e imagem sob os olhares da Desconstrução. In: Revista Cult, no195. São Paulo: Editora Bregantini, outubro/2014.
- TURRER, Daisy. Orla exígua: a imagem como "neutro" em M. Blanchot. In: BARTHOLOMEU, Cezar, TAVORA, Maria Luisa (org.). Arte & Ensaios - Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ, no 28. Rio de Janeiro, dezembro/2014.
- ZAMBRA, Alejandro. Formas de voltar para casa. São Paulo: Cosac Naify, 2014.



## A CURVA DO VENTO

*Igor Antoine* | UFMG

---

Artista multimídia, vive e trabalha em Belo Horizonte. Formado em Design pela UEMG e graduando em Cinema de Animação e Artes Digitais pela UFMG. Trafega e trabalha com diferentes plataformas que vão desde o design, passando pelas artes visuais até as imagens em movimento, com especial interesse para artes aplicadas às novas tecnologias.

---

**RESUMO:** A Curva do Vento é um estudo em videoarte que busca, em um exercício meditativo, o esvaziamento da individualidade para uma tentativa de compreensão do tempo como experiência em si mesma. Em grande parte, os vídeos são inspirados pelo texto *O tempo passa*, de Virgínia Woolf (WOOLF, 2013), e composto por imagens produzidas na Estação Ferroviária da cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, além de imagens do acervo do artista. A obra é dividida em três capítulos: “Os ares extraviados e as coisas engolidas pelo breu”; “Os pequenos ares e os objetos banhados pela luz”; e “O breve sopro das coisas animadas pelo dia”.

**PALAVRAS-CHAVE:** videoarte, vento, Ouro Preto.



*E agora, tente enxergar com todos os seus ausentes  
olhos as coisas quando você não as vê, ou melhor,  
quando ninguém no mundo as vê!*

Michel Serres<sup>1</sup>

A Curva do Vento é um estudo em videoarte que busca, em um exercício meditativo, o esvaziamento da individualidade para uma tentativa de compreensão do tempo como experiência em si mesma. Um esforço de desaparecimento do eu, na transmutação do sujeito em objeto que habita esses espaços. É o tornar-se objeto, para estar no vazio, como a mobília e os materiais do espaço, que diligentemente se submetem à manipulação do vento e à ação inexorável do tempo. Um diálogo entre a imagem poética da literatura e um possível correlato na imagem em movimento. Um contrato entre as coisas e seus nomes.

Em grande parte, os vídeos foram inspirados pelo texto *O tempo passa*, de Virgínia Woolf (2013), e compostos por imagens produzidas na Estação Ferroviária da cidade de Ouro Preto, Minas Gerais, além de imagens de acervo do artista. A obra é dividida em três capítulos: “Os ares extraviados e as coisas engolidas pelo breu”; “Os pequenos ares e os objetos banhados pela luz”; e “O breve sopro das coisas animadas pelo dia”.

## A curva do vento

Virgínia dá à brisa, aos ventos suaves e contínuos vários nomes, mas em todos eles paira uma espécie de autoridade, uma capacidade única sobre as coisas de lhes destituir a integridade. Eles estudam, sem pressa, como lhes desbotar as cores, enferrujar suas partes, e arruiná-las. O vento é o carrasco que o tempo escolheu para inscrever em tudo as marcas do seu poder.

A “curva do vento”, como é popularmente conhecida, é a sinuosa estrada que passa num morro atrás da Estação Ferroviária de Ouro Preto. Um lugar alto, um grande abismo, de perigo eminente e cenário de mui-

---

1 SERRES, Michel. Tempo, erosão: faróis e sinais de bruma. In WOOLF, Virginia. *O tempo passa*. Edição bilíngue. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora UFMG, 2013, p.70.

tas tragédias, desde desastres automobilísticos até a escolha premeditada dos suicidas, que insurgentes e carrascos de si mesmos, negam ao tempo o domínio de suas existências.

### **Os ares extraviados e as coisas engolidas pelo breu**

O primeiro capítulo estabelece um paralelo imediato com a estrutura de *O tempo passa*, onde tudo começa repousado em uma profunda escuridão, quebrada apenas por lampejos do farol. Já no vídeo, a enorme escuridão sob a tenda do Circo da Estação é quebrada por pequenas frestas e buracos entre sua lona, que desenham uma coreografia trêmula feita de luz e vento.

*Igor Antoine, Os ares extraviados e as coisas engolidas pelo breu (2017)*  
*[A curva do vento], stills. vídeo, cor, 3', 16:9. Ouro Preto (2017)*

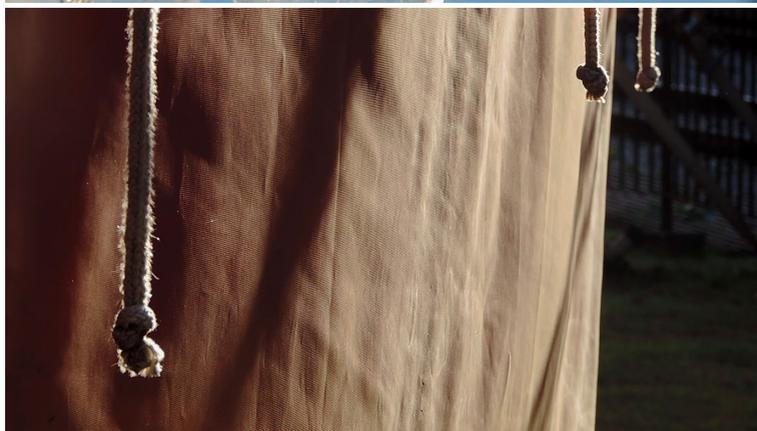
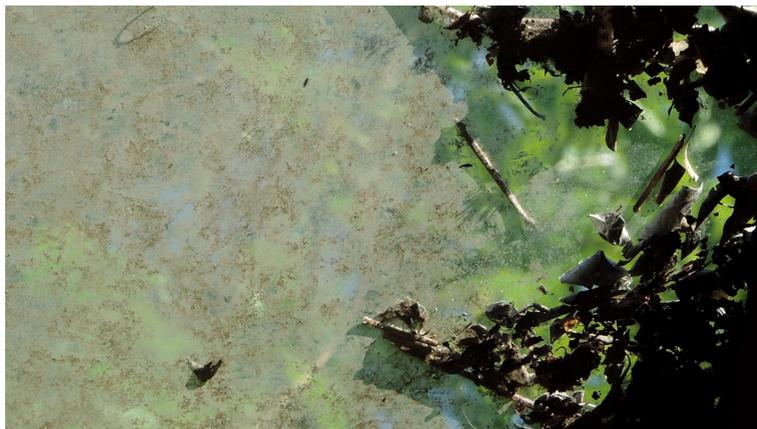


*[A curva do vento], stills. vídeo, cor, 3', 16:9. Ouro Preto (2017)*

## **Os pequenos ares e os objetos banhados pela luz**

Após uma longa e escura noite, as coisas, que pouco a pouco são iluminadas, convertem-se em objetos reconhecíveis graças à chegada da luz do dia, que lhes restitui a forma. Se engana quem pensa que a luz interrompe ou reduz a ação do tempo, capitaneada pelos pequenos ares — eles continuam timidamente a vestir e a embrulhar cada pedaço com a palidez e as manchas da demora.

*Igor Antoine, Os pequenos ares e os objetos banhados pela luz  
[A curva do vento], stills. vídeo, cor, 3', 16:9. Ouro Preto (2017)*



## O breve sopro das coisas animadas pelo dia

A luz também desperta as criaturas que atravessam com suas breves existências o incomensurável tempo. Seus deslocamentos produzem efeito e, toda essa sonoridade e movimento podem suspender a percepção da continuidade do tempo. E, o tempo, sempre passa. Os olhos percebem luz e sombra, a pele sente o vento e a temperatura, intercalando dias e noites, sol e chuva, calor e frio, até aquela calma inércia, aparentemente quebrada apenas por um breve sopro.

O resultado desse trabalho revela elementos recorrentes a muitos lugares que habitamos: tecidos, cortinas, lâmpadas, folhas, cordas, poças d'água, pequenos insetos. Todos estes detalhes, percebidos em suas minúncias, combinados e organizados de tal maneira a produzirem um certo tipo de identidade, uma unidade que congrega tempo e espaço distintos, mas que se repetem, fragmentados na essência estrutural desse tempo que passa.

*Igor Antoine, O breve sopro das coisas animadas pelo dia*





## PENSAMENTO-RASCUNHO

*Mara Rodrigues-Tavares* Lavareda | Fundação Clóvis Salgado

---

Professora-pesquisadora, trabalha em Belo Horizonte, na Fundação Clóvis Salgado, com artes visuais e literatura. Mestre em Artes pelo Instituto de Ciência e Artes da Universidade Federal do Pará.

---

**RESUMO:** Pensamento-rascunho é uma divagação feita em uma imersão artístico-teórica da Jornada de Estudos Estação, organizada pela por Daisy Turrer (UFMG), Paulo Maciel (UFOP) e Neide Bortolini (UFOP) em julho de 2017, em Ouro Preto, Minas Gerais.

**PALAVRAS CHAVES:** Estação de Ouro Preto, escrita, fotografia.

*Nervuras das asas transparentes mantinham-se suspensas entre muralhas [...]*

*— Só quem foi feito para durar pode aspirar ser (Muralha)*

*— Nós aspiramos o espaço do ar, escandimos o tempo com o bater das asas [...]. Já você é somente uma forma posta aí, para assinalar os limites do espaço e do tempo em que existimos (Nervuras)*

*— O tempo escorre, eu permaneço (Muralha)*

*— Nós saltamos no vazio (Nervuras)*

*Ítalo Calvino*

*Nós, nós infinitamente arriscados... Porque infinitamente? O homem é, de todos os seres, o que está sujeito a mais riscos, já ele próprio vai ao encontro do risco.*

*Maurice Blanchot*

Pensamentos na Estação e, nas mãos, notas em instâncias. À espera do trem, caminho na cidade para ter um motivo maior... Desses pensamentos insulares, que resistem fluídos, existe a promessa de um presente em suspensão. Sentir apenas pelas instabilidades de um imediato: sentir por fragmentos. De um lugar chamado Estação Ferroviária de Ouro Preto, o tempo (des)necessário para uma nota, para uma escrita breve: talvez o sentimento habitual de lugares estacionários, deixe em voltas meu pensamento: o que é mesmo um lugar? Lugar, nome com um som tão vago, como se fosse um espaço ausente...

Meus olhos ao longe sempre tocam na distância mais próxima de mim... (fico a conversar comigo, enquanto escuto a voz de Marguerite Duras: "não se pode escrever sem forçar o corpo"). Em uma estação, em uma instância, em uma curta jornada derradeira, apenas a escrita rápida daria conta para se dizer dessa viagem? Uma escrita que corre contra o tempo, uma escrita-rascunho. Uma escrita que tenta a tudo abarcar em um fluxo turbilhonar de imagens e imagens e, nos momentos céleres, medir com as métricas oculares, com os arcos do pés, com

a quantidade de ar uma cidade, "A-GRI-MEN-SIO-NAR" as dimensões do espaço-tempo.

Essa inscrição que surge como uma minuta, um esboço; que nasce para um futuro de correções previstas, alterações, sinalizações; que são as primeiras marcas, o delineio, o risco solto, livre... talvez se diga que o Tempo seja um rascunho pelo avesso, um descontorno, um debuxo, uma ideia bruta a lapidar. Palavras são imagens oraculares? Quais seriam seus mistérios?

O interessante desse tipo de pensamento, pensamentos rascunhos, é que sempre correm o risco de se contradizerem, talvez porque não tenham o compromisso de serem exatos. Por saberem que serão reescritos, recontornados, não precisam ser verdades, basta que brilhem.

Quando não existe nada, a imagem encontra aí a sua condição, mas desaparece nele. A imagem pede a neutralidade e a supressão do mundo, quer que tudo reentre no fundo indiferente onde nada se afirma, tende para a intimidade do que ainda subsiste no vazio: está aí a sua verdade. Mas essa verdade excede-a: o que a torna possível é o limite em que ela cessa. (BLANCHOT, 2011, p. 278).

Nessa inscrição no vazio, no tempo e nas imagens, precisa-se carregar apenas o que é leve e portátil: papéis encontrados ao acaso, máquinas fotográficas que caibam no bolso e a materialidade rústica da produção dessa imagem, dessa escrita, que nascem também apressadas... a lente mais brusca, mais dura para os dias... rasgos luminosos no céu, fraturas, rachaduras, fragmentos... talvez, assim, nasçam algumas imagens....

A raiz do pássaro é o voo

Escrito sobre folhas

Um pensamento simples, o risco firme...



*Mara Tavares, Sem título (2017).*

## REFERÊNCIAS

- CALVINO, Italo. As efêmeras na fortaleza. In: Coleção de Areia. Trad.: Maurício Santana Dias. São Paulo: Companhia das Letras, 2010
- BLANCHOT, Maurice. O espaço literário. Trad.: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.
- WOOLF, Virginia. O tempo passa. Trad.: Tomaz Tadeu. São Paulo: editora Autêntica, 2013



## NO CÉU DO PENSAMENTO

*Natália Rezende Oliveira* | UFMG

---

Natália Rezende, de Várzea da Palma (MG), vive e trabalha em Belo Horizonte. É bacharel em Artes Visuais/Desenho pela EBA/UFMG (2012). Atualmente é mestranda na mesma instituição, onde desenvolve uma pesquisa sobre artistas mulheres da América Latina que trabalham com os meios têxteis e suas implicações históricas. Participou de diversas exposições coletivas e individuais em Minas Gerais e em outros estados do país, além de uma mostra de livros de artista em Paris/França.

---

**RESUMO:** Este ensaio apresenta uma breve reflexão sobre a experiência da escrita na perspectiva da Estação de Ouro Preto, tangenciada pelas discussões realizadas durante uma Jornada de Estudos e pelos conceitos de sonho, tempo e imagem em Maurice Blanchot, Gaston Bachelard e Vilém Flusser.

**PALAVRAS-CHAVE:** escrita, pensamento, sonho.

\* É uma casa que a gente se sente só. Não do lado de fora, mas dentro.

Quem sou? Minha voz se confunde à do poeta. Estou no espaço do meio, no intermédio, em mim se sobre põem as janelas.

Personifico a solidão do espaço, seu deslocamento, seu enraizamento na cidade (o vagão imóvel, o circo fixado). A dúvida de mim mesma me atravessa.

\* Eu pouco com todo mundo. Acho que ninguém jamais me reconheceu na rua. Sou a banalidade. Quando ia me deitar, cobria o rosto. Eu tinha pouco de mim mesma.

(Marguerite Yourcenar)

Página do caderno de Natália Rezende (2017).

Há, por trás da escrita, um gesto. Uma operação das mãos que marca um suporte, num espaço-tempo particular erigido nessa incisão. Perfurante, o gesto de escrever rasga a superfície, abre fendas e as atravessa<sup>1</sup>. Cada palavra é uma irrupção. Talvez, por isso, haja questões que nos transpassem o corpo, que penetrem os blocos sólidos das paredes, os tetos solares de vidro, a cidade e seus passageiros. No céu do pensamento de Virginia Woolf, há, flutuante, a questão essencial do sentido da vida<sup>2</sup>. Mas aqui, numa estação suspensa pelo acúmulo de camadas do tempo, há uma outra questão que se subjaz. E escrever é se colocar sempre diante de uma questão, de uma dúvida, do oráculo que, na tentativa de encontrar respostas, nos devolve apenas enigmas. Segundo o filósofo Vilém Flusser, esse estado de dúvida é o que nos completa, é o que destrói e esvazia o refúgio de um conceito concreto de *realidade*<sup>3</sup>. É a dúvida que torna nosso pensamento uma teia de múltiplas linhas, teia que transborda do corpo para a escrita, para o registro dessa multiplicidade de imagens que orbitam nosso céu pensante. Escrever, portanto, é expressar e expressar é, retomando as palavras de Flusser, expulsar o que há dentro do corpo, do pensamento. “A escrita é o desconhecido. Antes de escrever, nada se sabe do que se vai escrever”<sup>4</sup>, já nos dizia Marguerite Duras. O texto é uma resposta que o escritor ainda não conhece, mas que habita seu interior como uma virtualidade oculta a ser revelada sucessivamente nas peles, nos estratos da escrita, ou nas linhas de uma tecelagem; se nos voltarmos para a etimologia da palavra texto, encontraremos sua origem no latim *texere*, que significa tecer. Escrever é como esboçar um tecido translúcido, que deixa passar alguma luz ao mesmo tempo em que retém fragmentos secretos da opacidade das palavras. Por alguns momentos, podemos ver os lampejos reluzirem das fissuras. A palavra, assim como a imagem, é intermitente: frágil, sobrevivente nos intervalos de aparições e desaparecimentos<sup>5</sup>.

---

1 FLUSSER, 1994, p.31.

2 O título deste trabalho foi extraído de uma passagem de Virginia Woolf no livro *Passeio ao Farol*: “(...) a velha questão que continuamente atravessa o céu do pensamento, a vasta questão, generalizada, sujeita a aparecer em tais momentos (...) veio se apresentar sobre ela, parar, se obscurecer sobre ela. Qual é o sentido da vida?”

3 FLUSSER, 2011, p. 26.

4 DURAS, 1994, p. 47.

5 DIDI-HUBERMAN, 2011, p. 86.

Duas janelas se opõem, de um lado  
 o turbilhão de acontecimentos do  
 presente, do outro, o tempo parado  
 de uma época, cada qual quer  
 encontrar o seu lugar - se  
 sempre distante, seilando  
 entre as impugnações  
 esquecimentos.

Duas vistas opostas  
 e outras vistas de um  
 mesmo espaço  
 e de um mesmo espaço  
 lados opostos.

Nos sois, as coisas, os entornos,  
 as pessoas, as coisas que capturamos...  
 somos, os mesmos aqui,  
 ainda que esse cenário aparentemente  
 estática tenha o mesmo espaço  
 tanto.

... e nossa volta tudo escurece.



Ouro Preto, 2017

Página do caderno de Natália Rezende (2017).

O que significa escrever ou produzir imagens num espaço em trânsito como uma Estação? E o que resta dessa transitoriedade senão os rastros impressos, os preciosos vestígios fugazes das imagens e das palavras? Ao escrever, anda-se sobre uma corda bamba. As palavras possuem uma instabilidade imanente, possuem uma superfície e uma profundidade que, às vezes, são simultaneamente visíveis, sendo impossível distinguir tais oposições. O sentido da palavra se torna, então, um deserto, o amplo espaço da incessante incerteza que se abre para toda possibilidade de ser. Desse modo, as palavras se assemelham a estilhaços e refletem infinitas imagens como um caleidoscópio: toda a razão se desestabiliza quando se escreve. Os fragmentos dessas imagens rompidas incorporam a matéria dos sonhos e toma-se a consciência de que a vida mesmo “é um sonho, de que aquilo que sonhamos para além do que já vivemos é verdadeiro, está vivo, está aí, presente com toda verdade diante de nossos olhos”<sup>6</sup>, atestando que tudo é, sempre, real e imaginário ao mesmo tempo<sup>7</sup>. É no estado do sonho ou dos olhos dormentes, já fatigados da vigília, que as imagens guardadas em nosso corpo se afloram, cintilam em frestas abertas, efervescentes, iniciando o processo inevitável da escrita.

Tudo o que se escreve fica impregnado nos lugares onde a escrita surgiu: há marcas nas mesas, que nunca são inteiramente lisas e há traços nas paredes, que nunca são profundamente brancas. As escritas de todos os tempos, sobrepostas e metamorfoseadas, transformam os espaços do mundo em sua volatilidade, sua contingência, sua partilha política de experiências. É assim que uma estação se constrói: com passagens, nunca com permanências. É com o embarque em um vagão parado, que não espera sua partida e nem chega ao encontro de ninguém, mas que, ainda assim, realiza travessias através da escrita de seus passageiros. É assim que nós, por sermos feitos de memória, somos também feitos de esquecimento, e a ilusória oposição dessa duplicidade é rompida pelo ritmo unívoco da continuidade, do infinito, do círculo sem começo e sem fim do eterno retorno, em que cada ato e pensamento que realizamos é um eco do que já apareceu, porque tudo está perdido

---

<sup>6</sup> BACHELARD, 1986, p.12.

<sup>7</sup> LEVY, 2003, p.28.

“entre infatigáveis espelhos”.<sup>8</sup> No caleidoscópio das *imagens-palavras*, a noção de tempo perde sua linearidade e se transforma na conexão entre as imagens de dentro e de fora: a paisagem imóvel, vista da janela do vagão parado, ganha movimento nesses encontros.

É isso que a estação provoca: um sentimento de familiaridade e estranheza, como um olhar de relance em que não se consegue identificar a imagem por detrás da macha vislumbrada. Escrever seria, então, estar diante desse pensamento longínquo, inalcançável, seria a tentativa de clarificar uma imagem coberta por uma espessa camada feita de neblina, ainda que o desejo seja o de preservar sua brancura, seu silêncio ou a recusa de falar, de se manter na borda do não dito e do que não se pode dizer, mas que é preciso que se diga.<sup>9</sup> Porque a escrita também se constrói nos seus impedimentos, na resistência das palavras, do suporte, da nitidez e das fraturas do pensar. Se constrói na rasura, no erro, na reinvenção do gesto escritural a cada vez que nos encontramos com o desejo iminente da escrita. É nesse encontro com a potência do escrever que retomamos o ritmo de origem da Estação, já reconfigurado pelas vidas que constantemente passam por ali. É nesse encontro com a escrita que ativamos seus espaços silenciosos e revelamos o que precisa, urgentemente, ser percebido, visto. Por tudo isso, escrever é inventar o espaço das coisas sem lugar, dos sonhos sem imagens, dos desejos mergulhados no esquecimento. É se conectar com a experiência e o saber de imagens que jamais serão capturadas, mas que sempre se farão sentidas em seus fragmentos luminosos que nos atingem e nos transformam profunda e irrecusavelmente. E por tudo isso, escrever é o que faz a Estação, em suas instâncias e passagens através do tempo e de nós mesmos, sobreviver.

## REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. O direito de sonhar. 2.ed. São Paulo: DIFEL, 1986.

BORGES, Jorge Luis; CARDOZO, Flávio José. O aleph. 3. ed. São Paulo: Globo, 2001.

---

<sup>8</sup> BORGES, 2001, p.12.

<sup>9</sup> Baseado na fala da escritora Safaa Fathy em entrevista publicada na Revista UFMG nº22.

- BORGES, Jorge Luis. Ficções. 8. ed. São Paulo: Globo, 1999.
- BRANCO, Lucia Castello, FATHY, Safaa. "Por não ter nascido toda ao mesmo tempo" – Conversação com Safaa Fathy. In: *Revista Diversa*, UFMG, nº22.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. Sobrevivência dos Vagalumes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.
- DURAS, Marguerite. Escrever. Rio de Janeiro: Rocco. 1994.
- FLUSSER, Vilém. A dúvida. São Paulo: Annablume, 2011. (Coleção Comunicações).
- \_\_\_\_\_. Los Gestos: Fenomenología y Comunicación. Barcelona: Editorial Herder, 1994.
- LEVY SALEM, T. A experiência do fora: Blanchot, Foucault e Deleuze. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.
- WOOLF, Virginia; LOBO, Luiza. Passeio ao farol. Rio de Janeiro: Rio Gráfica, 1987.



## A NOITE DO CIRCO DA ESTAÇÃO

*Priscila Hereen* | UFMG

---

Artista, pesquisadora e escritora, nascida no Rio de Janeiro, vive e trabalha em Belo Horizonte. Mestranda em Artes Plásticas, Visuais e Interartes (EBA/UFMG) e bolsista PRO-EX/CAPES; pós-graduada em Gestão Cultural (UNA/BH), graduada em Artes Plásticas (Escola Guignard/UEMG) e em Letras (FALE/UFMG). Expõe regularmente desde 2014, tendo participado de residência artística internacional e realizado, em 2017, sua primeira exposição individual. Reflexões sobre tempo e espaço, memória e paisagem, e pequenas arqueologias contemporâneas são temas recorrentes em sua obra.

---

**RESUMO:** A noite do Circo da Estação é um breve comentário ao ensaio fotográfico homônimo realizado pela artista em Ouro Preto (MG), em junho de 2017. Nesta publicação, são reproduzidas algumas dessas imagens, originalmente coloridas, capturadas no interior do circo durante o dia, quando este se encontra fechado e em repouso das atividades que o vivificam.



**PALAVRAS-CHAVE:** Circo da Estação, Ouro Preto, fotografia.

*But what after all, is one night?*

*Virginia Woolf<sup>1</sup>*

A noite do Circo da Estação se faz não durante a noite, mas sim durante o dia, quando, vazio e fechado, repousa o circo. E, a pouca luz do sol, que consegue perfurar a pele vermelha e grossa de sua casca, revela o vibrante azul royal de que é feito o lado interno de sua lona, céu estrelado da fantasia. É quando lhe habitam os fantasmas do espetáculo, na penumbra de suas formas, nessas paisagens tão escuras, instância e intervalo de sua potência viva.

Foi na centenária Estação Ferroviária da histórica cidade de Ouro Preto, em meio às montanhas de Minas Gerais, bem ao lado da linha do trem, que foi erguido este circo tão singular, que possui endereço fixo, sem nomadismos. E, tal qual o equilibrista, este circo se encontra sobre uma linha, a fina linha do paradoxo, desafiando a intinerância e ofertando como imagem a constatação de que, no lugar de passagem, que se constitui uma estação ferroviária, enquanto trens e passageiros vêm e vão, o circo reside permanentemente na paisagem.

Mas a noite do Circo da Estação, constelada por fragmentos de luz e adornada pela insistência brilhante das cores, não é aquela do simples repouso, mas a da espera, pois este é um circo-escola<sup>2</sup>, que acolhe jovens cheios de sonhos, que têm, sob sua lona, junto à estação ferroviária, a oportunidade de iniciar viagens transformadoras, que irão redese-

---

1 "Mas o que é, afinal, uma noite?" In: WOOLF, Virginia. *O tempo passa*. Edição bilíngue. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autêntica Editora UFMG, 2013, pp.16-17.

2 Para saber mais sobre o projeto Circo da Gente: <<https://circodagente.org/>>. Acessado em 15/09/2017.

nhar suas paisagens.



*Priscila Heeren, A arquibancada (2017)*



*Priscila Heeren, O trapézio (2017)*



*Priscila Heeren, A mesa (2017)*



*Priscila Heeren, Vermelho e Azul (2017)*



*Priscila Heeren, A sustentação (2017)*



*Priscila Heeren, O céu do circo (2017)*



## DA INCOMPLETUDE E DOS MOMENTOS OPORTUNOS: UM VAGUEIO PELOS DOMÍNIOS DE WOOLF, CALVINO, GARCÍA MÁRQUEZ E DELEUZE

Rachel Falcão | UFMG/FAOP

---

Artista Plástica. Artista-pesquisadora. Professora e Coordenadora do Núcleo de Arte da Fundação de Arte de Ouro Preto (FAOP). Graduada em Artes Plásticas e Desenho Arquitetônico, com Especialização em Artes, Cultura Visual e Comunicação pela UFJF. Mestre pela Escola de Arquitetura da UFMG, com a dissertação *Interações e Intervenções: a participação do artista contemporâneo em processos de reconfiguração sociais e espaciais*. Idealizadora e Coordenadora Geral do Projeto HABITA VIDA — prática artística colaborativa que trabalha a relação sensorial e vivencial entre pessoas e espaço cotidiano e urbano público e privado. Recebeu o *Prêmio Interações Estéticas 2008/FUNARTE*. Sua produção artística envolve desenhos, objetos, instalações e práticas artísticas colaborativas.

---

**RESUMO:** Este texto realiza um passeio por entre fragmentos da escrita e dos pensamentos de Virginia Woolf, Ítalo Calvino, García Márquez e Deleuze, propondo uma livre costura de ideias em torno da (i)materialidade, fusão e (in)completude que envolvem as experiências e as coisas do mundo.

**PALAVRAS-CHAVE:** vazio/latência, multiplicidade/fusão, materialidade/imaterialidade, literatura, filosofia e arte.

**D**EVANEIO 1: Às cinco da manhã, Virgínia Woolf atravessa-me o dia e os pensamentos, trazendo à tona a imaterialidade da matéria e a materialidade do tempo, que se tornam perceptíveis por meio de luzes, sombras e ares que se esgueiram e escorrem pelas superfícies, pelos cantos, pelas coisas, e por meio de multiplicidades que entram em comunhão e desvelam-revelam o mundo-uno — o tempo passa<sup>1</sup>.

**D**IVAGAÇÃO 2: Às nove da manhã, um circo.  
O vazio. Um circo. O silêncio. Um circo.  
História(s). Memória(s). Passado. Passagem. Estação.  
Circo da Estação. Lugar de Passagem. De tempos diversos.  
O circo acabou. O trem não passou. As crianças voltaram.

As divagações são amparadas pelas contingências do vazio.

E no vagar e “di-vagar” pelo espaço-tempo, novas formas de existência começam a brotar.

Volto em pensamento a Woolf e procuro pelos “intervalos de compreensão”<sup>2</sup> que sejam capazes de me possuir e me permitam abstrair a realidade presente e visível em nome da inauguração de um mundo novo, rememorando as palavras de Gabriel García Márquez, em *Cem Anos de Solidão*, quando se refere a “um mundo tão recente que muitas coisas careciam de nome e para mencioná-las se precisava apontar com o dedo”<sup>3</sup>. Aqui, não seria o caso de apontar ‘coisas’, pois a conversa, a princípio, é comigo mesma, mas apenas de registrá-las por meio de um desenho, de uma palavra ou de um instantâneo de uma nota em instância que me permita lembrar que percebi algo (ainda sem nome) e matutar sobre a possibilidade de uma existência latente.

Me recordo que também Ítalo Calvino, em suas *Seis Propostas para o Próximo Milênio*, no capítulo sobre a *Visibilidade*, fala de “um processo de abstração, condensação e interiorização da experiência sensível” que diz ser “de importância decisiva tanto na visualização quanto na verbalização do pensamento”, ao lado “[d]a observação direta do mundo real, [d]a transfiguração fantasmática e onírica [e d]o mundo figurativo trans-

---

1 Referência ao texto e ao título do livro de Virginia Woolf *O Tempo Passa* (2013).

2 WOOLF, 2013, p. 25.

3 MÁRQUEZ, 1967, p. 7.

mitido pela cultura em seus vários níveis”<sup>4</sup>. E que o artista Gê Orthof, em seu vídeo para a série *Encontro com o Artista*, produzido pelo MAC-USP, diz que para compor suas obras se vale da “distração” como dispositivo para “aferir as vulnerabilidades e alcançar a essência, ainda que em seu estado utópico de miragem fundante”. É isso o que procuro: as visibilidades nascidas da indiferenciação<sup>5</sup>.

**D**EVANEIO 3: Ladrilhos soltos tilintando sob os passos, pisos em relevo, plantas esparramadas sobre um telhado de vidro, um picaideiro vazio, uma lona de circo às escuras, uma sala de maquetes e memórias, uma linha de trem silenciosa, um vento que sopra e balança miudezas. As dimensões concretas e abstratas do espaço pulsam disponíveis.

**D**IVAGAÇÃO 4: Abro o dicionário: VAGAR: andar sem destino; errar; vaguear; espalhar-se; bestar; boiar sem direção, ao sabor das vagas; andar passeando; propalar-se; correr, percorrer, vagando; percorrer ao acaso; ficar vago; estar vazio, desocupado; abrir vagativa; deixar vago, s.m. lentidão; ócio; falta de ocupação.

Depois de um período vagando, volto à sala das maquetes e memórias para fotografar os painéis que contam a história dos circos que por ali passaram desde 1858 e exibem as ilustrações dos ginastas (que me atraíram pela plasticidade dos corpos e movimentos), sem saber o que faria com aquele material. Viajando no tempo através dos cartazes de propagandas antigas, que chamavam o público para as apresentações, subitamente uma voz me sopra por dentro: “...tinha a rara virtude de não existir por completo, a não ser no momento oportuno”<sup>6</sup>. Esta frase, que em *Cem Anos de Solidão* define a apagada personagem de Santa Sofia

---

4 CALVINO, 1990, p. 105.

5 “Indiferenciação” no sentido de disponibilidade total, ou seja, a indiferença não como desinteresse, mas, ao contrário, como um interesse por tudo. Trata-se do momento em que o sujeito indiferencia tudo e se coloca disponível, adotando uma postura não excludente (a partir das notas de aula da disciplina *Comunicação, Visualidade e Cultura* ministrada pelo Prof. Potiguar Mendes da Silveira Júnior, na Especialização em Arte, Cultura Visual e Comunicação – UFJF / 2005).

6 MÁRQUEZ, 1967, p. 82.

de La Piedad, me soou perfeita para definir a vida do artista de circo, cuja existência parece se completar apenas quando ele está no picadeiro, já que, fora dele, não passa de uma pessoa “comum” que atua nos bastidores — tratando dos bichos, atendendo na bilheteria, fazendo faxina ou qualquer outra atividade menos “glamourosa”. E me ocorreu um paralelo com a obra de arte, que só passa a existir por completo (ainda que seja uma completude momentânea, como a do artista de circo no picadeiro) quando avança do campo das ideias para o campo das ações, visualidades e/ou materialidades e entra em contato com as pessoas (que tornam, então, a existência da obra momentânea e particularmente completa).

## DEVANEIO 5: Pensar é um ato perigoso... (DELEUZE)

No turbilhão de pensamentos deslançados pela frase de García Márquez, me vem à mente a entrevista de Gilles Deleuze a Didier Eribon — *A vida como obra de arte*<sup>7</sup> —, em que Deleuze, se referindo ao pensamento de Foucault, diz que

Pensar é, primeiramente, ver e falar, mas com a condição de que o olho não permaneça nas coisas e se eleve até as “visibilidades”, e de que a linguagem não fique nas palavras ou frases e se eleve até os enunciados.<sup>8</sup>

A ideia de conferir relevo ao até então insignificante e despercebido do mundo e de conferir sentido a imagens, coisas e palavras, num processo inicialmente destituído de uma discursividade racional ou de conceitos claros, mas que já foram intuídos e existem enquanto potência, tem-me instigado a realização de uma série de objetos construídos a partir da fusão de brinquedos e utensílios domésticos. Tal como em Virginia Woolf a borboleta se funde com a chita da poltrona, a porcelana quebrada com a grama e as amoras silvestres, o cravo com a couve, as alcachofras gigantes com as rosas<sup>9</sup>, aqui, também, bichinhos de plástico se estendem em globos de vidro, bloquinhos de montar em jarros, bonecas evoluem em cúpulas de aquário..., como numa Sofrônia<sup>10</sup> em

7 DELEUZE, 1992, p. 118-126.

8 *Ibidem*, p. 119.

9 WOOLF, 2013, p. 41 e 45.

10 Uma das cidades invisíveis de Ítalo Calvino, na qual o parque-circo é permanente e a

miniatura, em que os objetos, uma vez virados arte, perpetuam a possibilidade da brincadeira em detrimento de sua vida utilitária (já que, a priori, o brinquedo só “vive”, só existe em completude, quando a brincadeira acontece).

Assim como o circo, a arte apresenta a possibilidade de um outro estar no mundo. E essa consideração do mundo sob outra lógica e outra ótica é também o que rege o exercício de recombinação de brinquedos e objetos em busca de uma ressignificação das coisas.

O que se busca é abrir uma brecha na espessura da vida e possibilitar a completude em momentos oportunos.



Fotografias de Rachel Falcão realizadas durante a jornada Estação, em Ouro Preto (2017).

## REFERÊNCIAS

CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. *Seis Propostas para o Próximo Milênio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELEUZE, Gilles. *Conversações*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1992.

MÁRQUEZ, Gabriel García. *Cem anos de Solidão*. Rio de Janeiro: Record, 1967

WOOLF, Virginia. *O Tempo Passa*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

---

cidade “prática” é que é temporária, itinerante.

